



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

CINEMA E EDUCAÇÃO - UMA HISTÓRIA DA IMITAÇÃO: CINEMA COMO MÉTODO

Edison Silvestre Petenussi Silva*
(Redes pública e privada do Estado de São Paulo)

RESUMO

A presente comunicação pretende refletir sobre a importância do uso do cinema no processo educacional buscando na tragédia grega um ponto de partida para essa reflexão. Para tanto, a passagem pelo conceito de catarse em Aristóteles é fundamental, assim, esforçar-nos-emos em mostrar que todo o processo pode ter nascido da característica tão bem observada por Aristóteles quanto à imitação, que segundo o pensador grego é congênita no homem. Pensaremos o processo hoje, levando em consideração o cinema como uma nova linguagem e também uma linguagem que não pode ser pensada fora do contexto da aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Tragédia; Cinema; Educação; Catarse.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre um suposto papel do cinema no universo da educação vai muito além de voltar os olhos para uma arte “tardia”, especialmente se comparada aos outros processos artísticos como a pintura e a música. Quando nos debruçamos sobre

*Professor das redes pública e privada do Estado de São Paulo. Foi integrante da equipe pedagógica para Ciências Humanas e Suas Tecnologias na CENP, órgão pedagógico da Secretaria de Educação de São Paulo. Bacharel em Filosofia pela Universidade Mackenzie, é mestre pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, especialista em estética e fotografia. É membro da comissão coordenadora do projeto de Educação e Cinema do Colégio Jardim São Paulo



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

um processo artístico, como o cinema, que possui pouco mais de cem anos, é natural questionarmos o porquê desta arte ainda não estar plenamente presente nos processos educativos: “Embora o cinema já seja utilizado há algum tempo por muitos professores, pelo menos desde o final dos anos 1980, só mais recentemente estão surgindo algumas propostas mais sistematizadas que orientem professores”.¹²⁰

Aquele que hoje vê essa “nova” linguagem, técnica e dinâmica, precisa, para compreender minimamente seu papel no processo educativo, re-visitar os primórdios da interpretação, a saber, as Tragédias, mesmo sabendo bem que o cinema “é por excelência arte do simulacro, da cópia, da representação, termos pesados de sentido na longa história do pensamento sobre as relações entre arte e realidade, o cinema (...) deve fazer da arte cinematográfica uma potência do falso”.¹²¹

Torna-se extremamente sedutor refletir sobre o poder da arte cinematográfica em todo o seu potencial mimético e de reprodução técnica, afinal este é o maior apanágio do cinema, no entanto, acreditamos que nesta nossa breve abordagem, a questão pedagógica é extremamente mais relevante, mesmo não estando ela desvinculada das propriedades técnicas.

Como já dissemos anteriormente, é na fonte da interpretação que talvez resida o grande poder educacional do cinema e é neste campo que empreenderemos nossos esforços no sentido de investigar articulações possíveis entre as características inseridas e solidificadas pela interpretação dramática nas tragédias e a arte cinematográfica.

Pensar sobre cinema é o mesmo que pensar história e narrativa. O terreno já estava preparado para o cinema, a fotografia, primogênita das imagens tecnicamente reproduzíveis, já havia enfrentado toda sorte de críticas que lhe caíam abundantemente sobre os ombros. A imagem fotográfica encerrava todo o desejo dos

120ALMEIDA, Milton,J. *Imagens e Sons: a nova cultura oral*. Ed. Cortez, SP, 2001.

121 PARENTE, A. *Ensaio sobre o Cinema do Simulacro*, Ed. Pazulim, RJ, 1998.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

homens em fixar uma imagem e assim poder manuseá-la, embora o desejo de registrar o movimento já esteja presente desde Lascaux. Paralelamente a isso, mas extremamente mais sólido e consagrado, caminhava o teatro; no surgimento da fotografia, especialmente na migração do suporte do daguerreótipo para o filme, propriamente dito, o teatro já possuía bem elaboradas suas técnicas e abordagens.

O encontro entre fotografia e teatro era inevitável, mas cabe aqui ressaltar que mesmo a técnica apurada da reprodução e disseminação das imagens proporcionada pelo potencial da fotografia não teria colaborado tanto quanto o fez se não encontrasse um processo maduro de interpretação dramática e esse legado o cinema deve à Tragédia.

Tendo como fonte principal os textos homéricos, a tragédia foi o grande pilar da educação grega como nos garante Werner Jaeger: “A Tragédia é uma criação rica de facetas (...) uma objetivação espiritual de uma nova forma de homem (...) força educadora(...) a mais alta manifestação de uma humanidade para qual a religião, a arte e a filosofia formam uma unidade indivisível”.¹²²

Devemos lembrar que até mesmo os escravos eram incentivados por seus senhores a frequentar o teatro e aprender com as tragédias. Mas, o que os gregos aprendiam com as tragédias? Para essa questão podemos simplesmente recorrer a célebre passagem de um fragmento de *Prometeu Libertado*: “aprendi assim a conhecer o teu destino aniquilador, ó Prometeu!” O coro trágico de Prometeu nos garante que chegamos ao caminho elevado do conhecimento pela dor, espanto, terror e os paralelos que, inevitavelmente, o espírito humano faz das “imagens” que se desenrolam diante de seus olhos, a música em seus ouvidos e o enredo desafiando provocativamente seu intelecto.

122JAEGER, W. *Paidéia: A formação do homem grego*, Ed. Martins Fontes, SP, 1995.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Não nos cabe aqui elaborar uma história da tragédia, mas seu sentido pauta-se claramente sobre uma base de ensinamentos cívicos voltados para a convivência em sociedade, especialmente na polis grega. Fundamentalmente a filosofia possuía frequentemente como pano de fundo as questões apresentadas pela tragédia. No entanto, um filósofo em especial foi o responsável por abordar a tragédia sob a ótica da pedagogia, do ensinamento, onde se mesclavam vertiginosamente arte e vida. Este filósofo chama-se Aristóteles.

A definição de Tragédia deste pensador elucidam-nos de forma contundente o que desejamos alcançar em nossa explanação:

É pois a Tragédia imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes [do drama], [imitação que se efetua] não por narrativa, mas mediante a atores, e que, suscitando o “terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções”.¹²³

Embora Aristóteles não tenha se preocupado especificamente em estabelecer uma espécie de teoria que abarcasse por completo a tragédia, no sentido de uma crítica (falando em termos modernos) e também não tenha se concentrado propriamente nos aspectos puramente técnicos do referido espetáculo, faz-se necessário ressaltar aqui que seu contributo maior foi no sentido de ter, como poucos, centrado suas caríssimas reflexões no comportamento do público. O pensador grego conclui que o espetáculo proporcionado pela tragédia, para realizar-se, enquanto obra de arte, deveria sempre provocar essa tal “purificação”, ou, melhor dizendo, a *Katarsis*, a catarse, isto é a purgação das emoções dos espectadores.

¹²³ARISTÓTELES, *A Poética in Col. Os Pensadores*, Ed. Abril, SP, 1977.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Catarse é um termo de origem médica que define a liberação ou a purgação de algo que é estranho, perturba ou corrompe. Foi outro filósofo, Platão, que o utilizou no sentido de purificação, como podemos ver no diálogo intitulado *Sofista*: “Estrangeiro – entretanto, ao falar das separações, havia dito que elas tinham por fim dissociar, fosse o melhor do pior, ou o semelhante do semelhante. (...) Teeteto – Toda separação desta espécie é, creio, universalmente chamada de purificação”.¹²⁴

Mas foi mesmo Aristóteles quem empregou o termo pela primeira vez para “designar um fenômeno estético”¹²⁵. Ao assistir ao implacável destino do herói trágico, sensibilizando-se com o horror ao qual sua vida passava a estar submetida, o público deveria passar por uma espécie de purificação coletiva. Atribui-se à concepção de Aristóteles, que associa a tragédia à purgação, ao fato dele ter sido médico, o que teria contribuído para que ele entendesse a encenação dramática como uma espécie de remédio da alma, ajudando as pessoas do auditório a expelirem suas próprias dores e sofrimentos ao assistirem o desenlace. Esse caráter terapêutico de cura é também, porque não dizer, pedagógico. Essa purgação daquilo que incomoda faz com que os que presenciam a tragédia reflitam, pensem e enfim, aprendam.

Ora, o vínculo dessa espécie de aprendizado com a imitação da realidade é extremamente profundo e o que norteia a ação da imagem no intelecto humano. Pensar que o desenlace da história pode alinhar-se, por vezes inconscientemente, com a dita realidade é o mote para toda a significação, também e não só, da linguagem cinematográfica.

Quando os irmãos Lumière fizeram a primeira apresentação das imagens produzidas pelo cinematógrafo as potências da imagem se elevam exponencialmente, mesmo sem o acompanhamento do som, que viria a incorporar-se à imagem posteriormente. Finalmente conclui-se um projeto antigo que muda radicalmente a

124 PLATÃO, *Sofista in Col. Os Pensadores*, Ed. Abril, SP, 1977.

125 ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Ed. Martins Fontes, SP, 2000.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

humanidade, quer pelos registros das câmeras ou pela criatividade da nova forma de contar histórias.

Ao abordar poder pedagógico do cinema, lançamos mão novamente de Aristóteles: “O imitar é congênito do homem (e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos, é ele o mais imitador, e, por imitação aprende as primeiras noções) e os homens se comprazem no imitado.”¹²⁶

E ainda mais:

Mas, como os imitadores imitam homens que praticam alguma ação, e estes, necessariamente, são indivíduos de elevada ou de baixa índole (porque a variedade dos caracteres só se encontra nestas diferenças [e, quanto a caráter, todos os homens se distinguem pelo vício ou pela virtude]).¹²⁷

Atrevem-nos a dizer que mesmo com toda a tecnologia aplicada à comunicação e todas as benesses trazidas pela reprodução técnica, ainda assim, em última instância, quando um professor recorre à inserção de um determinado trecho de um filme ou até mesmo a exibição de uma peça inteira para ilustrar, comprovar, provocar seu aluno, não está fazendo nada mais que ensina-lo pela distinção do vício e da virtude, pela imitação.

A filósofa brasileira Marilena Chauí, ao abrir seu livro “Convite à Filosofia” insere, na edição mais recente, uma apresentação sobre filosofia utilizando-se de um filme chamado “Matrix”. Vários professores de filosofia lançam mão do mesmo método ao tentar ilustrar melhor o universo platônico utilizando-se da célebre cena entre a personagem de Laurence Fishburne (Morpheus) e a personagem de Keanu Reeves (Thomas A. Anderson/Neo). A frase “*welcome to the real world*” dita por

¹²⁶ARISTÓTELES, *A Poética* in Col. Os Pensadores, Ed. Abril, SP, 1977.

¹²⁷ARISTÓTELES, *A Poética* in Col. Os Pensadores, Ed. Abril, SP, 1977.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Morpheus a Neo é emblemática, traduz-se como analogia coerente entre o “embate” dos mundos sensível e inteligível arquitetado por Platão.

Este é apenas um pequeno exemplo, porém poderíamos citar outros voltados para os mais diversos temas, mas o que vale ressaltar é que assim como a tragédia configurou-se como um processo educativo através das imagens interpretadas e trazidas à vida pelos atores, o cinema é um método extremamente eficaz para que pessoas reflitam, quer por imitação, quer pelas analogias entre ações de vícios e virtudes praticados pelos homens, sobre sua própria conduta, ética, moral e etc.

Não demoraria muito mesmo para a escola perceber que o cinema se tornaria um forte aliado ao processo educacional, escolas menos ortodoxas lançam mão constantemente de projeções de filmes em projetos interdisciplinares, assim, o cinema deixa de ser mero entretenimento (se é que um dia foi visto dessa forma) para ser um importante coadjuvante pedagógico.

Cinema: de consentimento à ilusão à aprendizagem

Reconhecer o cinema como importante coadjuvante no processo educacional é prever certa entrega a um universo distinto que elabora um convite constante em perde-se por caminhos extremamente complexos.

Reconhecer, portanto, que se pode aprender com os filmes é consentir à ilusão um determinado poder, mas não esquecendo que o lastro é a própria realidade. Dependendo do público com que se está trabalhando devemos nos atentar para a seguinte questão:



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

“(…)existe uma armadilha com relação ao uso do cinema (pedagogicamente falando) : o olhar crédulo da criança tende a considerar verdadeiro e real tudo aquilo que é visto no filme, pois a noção de realidade e representação, passado e presente, narrativas ficcionais e científicas estão ainda em construção”¹²⁸

Há, sem dúvida, que se observar um amadurecimento do olhar e um enriquecimento intelectual ao passo que esse consentimento cede espaço à aprendizagem. Nesse aspecto o cinema é extremamente *sui generis*, enquanto a fotografia nos reserva um tempo de fruição, uma tácita permissão de fechar os olhos e um situar-se nela. No cinema, o filme durante sua exibição é extremamente mais dinâmico e não permite uma reflexão mais apurada durante seu processo. A reflexão do cinema é, via de regra, *a posteriori*, ou seja, se dá geralmente após sua fruição. Isso não significa que durante a contemplação seja inviável refletir, mas, especialmente em tempos de pós modernidade quando a velocidade é um fator integrante do processo, deve se levar isso em consideração. Devemos considerar que o cinema possui um código específico, é uma linguagem e dentro desse código a velocidade é um elemento preponderante.

Cinema é linguagem: Faixa etária

Sem nenhuma dúvida o cinema configura uma nova linguagem e como toda linguagem deve se observar a sua adequação. Quanto ao uso do cinema no processo pedagógico observamos algumas questões que são extremamente importantes,

128NAPOLITANO, M. Como Usar Cinema em Sala de Aula, Ed. Contexto, SP, 2003.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

vamos abordar algumas a partir de agora e uma dessas questões que queremos abordar é quanto ao uso apropriado em relação ao objetivo/público.

Quanto a esta questão o Doutor em História Social Marcos Napolitano nos adverte: “O professor deve se lembrar, sempre, que ele não está reproduzindo o filme para si mesmo, para seu próprio deleite intelectual ou emocional. Portanto, é preciso refletir sobre o público alvo da atividade planejada, conhecendo seus limites e suas possibilidades gerais”.¹²⁹

O uso do cinema sem um claro objetivo pedagógico simboliza um retrocesso, de forma que o aluno não pode associar o filme ao tempo livre ou à ausência de professores e preenchimento de aula. Em um artigo publicado na revista Comunicação e Educação José Manuel Moran adverte:

(...) vídeo não é tapa-buraco: (não se pode) colocar um vídeo quando há um problema, como ausência do professor. Usar esse expediente (...) com frequência desvaloriza o uso do vídeo e o associa – na cabeça do aluno – a não ter aula (...) não é satisfatório didaticamente (também) exibir o vídeo sem discuti-lo, sem integrá-lo com o assunto da aula, sem voltar a mostrar alguns momentos mais importantes.¹³⁰

Este claro objetivo pedagógico deve ter como premissa a resposta da seguinte pergunta: o filme é adequado ao público? Surtirá o efeito desejado? Existirão “efeitos colaterais”?

São três pequenas e simples questões, mas que podem, se não levadas em consideração, colocar em risco o processo de aprendizagem.

O cinema é um estímulo a pensar sobre as questões postas no vídeo, mas delas podem derivar diversas outras, são estas derivações que podem denotar uma compreensão mais ampla, ou não daquilo que foi exposto.

129 NAPOLITANO, M. Como Usar Cinema em Sala de Aula, Ed. Contexto, SP, 2003.

130 MORAN, J.M, Artigo publicado na revista Comunicação & Educação. São Paulo: ECA/Ed. Moderna, jan/abr.1995, n 2, pp. 27-35.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

O educador Mario Sérgio Cortella em suas palestras costuma dizer que precisamos nos adequar ao nosso tempo e rever nossas referências, segundo o pensador, uma criança atualmente quando passa a ocupar o banco de uma escola já assistiu em média quase cinco mil horas de televisão. Ao deparar-se com o novo universo escolar a professora ou o professor lhe solicita a seguinte tarefa: - repita depois de mim – a p-a-t-a n-a-d-a. Segundo Cortella, isso torna-se totalmente desapropriado e fora de contexto. Dentro dessa mesma ótica nos garante Napolitano: “crianças desenvolvem a habilidade de ler imagens em movimento desde cedo e são muito adaptáveis para interpretar filmes, pois gastam um tempo considerável do seu lazer em frente à telinha da TV”.¹³¹

A experiência com um determinado filme pode representar o mesmo processo se não levado em consideração o público específico e o objetivo que devemos alcançar. O delicado dessa situação é o que demandará o maior esforço de pesquisa é justamente no sentido de não subestimar e nem superestimar o público em relação ao filme e o assunto que se deseja tratar nele.

Novamente nos reportamos à tragédia, nos parece que o espírito do homem grego já estava preparado para receber aquele processo complexo, afinal os textos homéricos que educavam os gregos já estavam habitando o intelecto dos gregos no momento da chegada da tragédia.

O que o cinema encontra hoje como recurso pedagógico não é, por assim dizer, tão diferente quer do ponto de vista temático ou do ponto de vista metodológico, o que se percebe é um público extremamente apto a receber tal aprendizagem, restando ao professor otimizar esse recurso reconhecendo a potência do seu público e fundamentalmente os recursos do filme em questão.

Com relação ao efeito desejado podemos observar:

131 NAPOLITANO, M. Como Usar Cinema em Sala de Aula, Ed. Contexto, SP, 2003.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

crianças aprendem ao ver imagens em movimento, a compreender as convenções narrativas e prever possíveis desenvolvimentos na história, o que lhes será benéfico nos primeiros contatos com textos escritos (...) o estímulo e o interesse da criança podem incentivá-las a ler textos mais complexos.¹³²

O uso do cinema nos reserva um universo amplo de possibilidades e há sem dúvida um processo de aprendizagem não apenas do aluno, o processo é coletivo, o olhar “despreparado” do aluno encontrará o olhar “acostumado” com o filme do professor e este encontro pode ser extremamente proveitoso para ambos. A utilização do cinema então, reforça o aprendizado como um todo e não é unilateral.

No entanto esse processo pode nos reservar alguns efeitos não desejados, especialmente se as duas perguntas anteriores não foram devidamente observadas, a saber, se o público é correto para aquela projeção e quais os resultados esperados após o processo. Anteriormente falamos em não subestimar nem superestimar o seu público na projeção de um filme com objetivos pedagógicos. Isso é fundamental, pois os efeitos ditos “colaterais” surgirão exatamente disso. O uso pedagógico dos filmes clama ao professor uma investigação apurada, afinal elementos muitas vezes não desejados podem surgir na tela e colocar em risco a mensagem principal que se deveria trabalhar. Existem diversos fatores que devem ser observados nesse sentido, possivelmente pode existir um determinado filme que possua uma mensagem interessante, mas que sua projeção pode ficar comprometida pela cena de sexo ou violência que não se encaixará no contexto da mensagem a ser trabalhada. A velocidade e a cronologia também fazem parte desse processo, uma geração (assim como já pontuamos anteriormente) acostumada certo dinamismo, pode não compreender corretamente uma película de certa profundidade. Com relação ao

¹³²Idem.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

tempo cronológico a questão se faz presente, é possível que haja alguma alternativa em uma filmografia mais moderna que possa contemplar o tema e que possua a dinâmica e uma adequação temporal mais aconselhável.

Enfim, já há mais de meio século o cinema encanta e transforma seres humanos assim como as antigas tragédias o faziam na Grécia antiga e negligenciá-lo como ferramenta importante no processo de aprendizagem é negligenciar a própria característica da educação ao longo da história da humanidade, exatamente como observou Aristóteles: “O imitar é congênito do homem”¹³³, e as situações estão sempre se apresentado independentemente do tempo, lugar ou qualquer outro fator.

Nesse sentido, aquele que opta pelo cinema como parte do processo educativo deve estar ciente que seu trabalho é inesgotável e se dá fora do tempo determinado de atividade profissional. Todo momento é um momento apto a se pensar uma situação de aprendizagem e para o professor adepto a este método, seu entretenimento se mistura com o trabalho e porque não dizer que seu trabalho também pode ter um “q” de entretenimento?

Com relação ao aluno a recíproca é verdadeira e o ápice desse processo é quando ao longo do método de utilização do cinema, ele aluno, passa a refletir constantemente e encontrar também em seu entretenimento uma possibilidade riquíssima de aprendizado, o escuro do cinema.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

¹³³ARISTÓTELES, *A Poética in Col. Os Pensadores*, Ed. Abril, SP, 1977.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

- ARISTÓTELES. A Poética. **Col. Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1977.
- CABRERA, J. O Cinema pensa. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1999.
- DELEUZE, G. A Imagem-tempo. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- JAEGER, W. Paidéia – A formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- NAPOLITANO, M. Como usar o Cinema na Sala de Aula. São Paulo, Contexto, 2003.
- PARENTE, A. Ensaio Sobre o Cinema do Simulacro. Rio de Janeiro: Ed. Pazulin, 1998.
- _____. Imagem Máquina. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- PLATÃO. Sofista. **Col. Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1977.